

VIDA MARIA

– resenha –

Por Darlene Cairo Ribeiro e Silva¹

Gênero: animação

Direção e produção: Márcio Ramos.

Ceará: VIACG, 2006.

“Vida Maria” é um curta-metragem em 3D, lançado no ano de 2006, apoiado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura (Lei n° 12.464 de 29/06/1998), do Governo do Estado e Secretaria de Cultura do Ceará, e produzido pelo animador gráfico Márcio Ramos. O filme² venceu inúmeros festivais nacionais e internacionais no ano de seu lançamento, dentre esses o 3° Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo.

A película nos conta a história de “Maria José”, uma criança que aos cinco anos de idade, aparentemente, fora obrigada por sua mãe e pela força das circunstâncias a deixar os estudos e se dedicar aos afazeres domésticos, posteriormente aos cuidados do marido e dos filhos. Tal situação lhe proporcionou estado de completa anulação e nos remete à reflexão de que sua vontade e seus sonhos foram tolhidos no dia em que sua mãe, abruptamente, afastara-a dos devaneios da escrita e lhe mostrara que, ali, lápis, papel e sonhos não tinham importância.

E, assim, o filme de Márcio Ramos segue mostrando a falta de perspectiva que muitas mulheres sertanejas enfrentam durante toda a vida, situação que tende a se repetir por diversas gerações. “Vida Maria”, contudo, ultrapassa os limites do sertão por se aproximar também da realidade de mulheres pobres e urbanas que vivem à mercê e sob o jugo do pai, depois do marido, ainda que seja a provedora do lar.

¹ Graduada em Psicologia pela FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências; Especialista em Psicologia da Educação pela Faculdade Juvêncio Terra, ambas de Vitória da Conquista-BA. Membro do Grupo de Pesquisa: As múltiplas faces dos Estudos sobre Gênero, Infância e Juventude, Museu Pedagógico-UESB. Graduanda do Curso de Filosofia na UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista-BA. Atua como Psicóloga da Vara da Infância e Juventude e do Zênite Vestibular & Cursos – Vitória da Conquista-BA. E-mail: darlenecairo@yahoo.com.br.

² O leitor poderá ver o curta em <https://www.youtube.com/watch?v=zHQqpI_522M>

De tal sorte, é impossível deixar de comparar a animação fictícia “Vida Maria” com a morte social – perversa pela sutileza – das crianças espalhadas pelas zonas urbanas e rurais do Nordeste do país. Região grande e reconhecida mundialmente por sua beleza e exuberâncias naturais nalguns pontos, mas bastante pauperizada noutros e, portanto, com desigualdade social excessiva e, por assim dizer, um tanto quanto paradoxal.

Partindo desse pressuposto e com intuito de corroborar o quanto alegado anteriormente, faz-se necessário citar notícia recentemente editada pelo Diário de Pernambuco,

Com a sétima economia do mundo e figurando no bloco das nações emergentes, o Brasil é um país rico que não diminuiu a desigualdade social. O Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) 2013 mostra as contradições do país que chama a atenção do mundo pelo rápido crescimento econômico. A previsão é de que o Brasil, a China e a Índia respondam por 40% da riqueza global em 2050³.

Do ponto de vista técnico, observa-se que o curta atende às expectativas de quaisquer públicos, pois apresenta o máximo de realidade que uma animação pode trazer para a tela. É quase tangível a aridez do sertão, seja nos momentos em que o personagem principal, Maria José, vaga pelo quintal de terra vermelha, própria do sertão, seja quando olha o sol escaldante, em desalento.

Com apenas nove minutos de exibição, o filme aponta a precarização da vida no sertão nordestino e se inicia mostrando uma menina, ainda em tenra idade, que se diverte ao escrever as vogais e o seu nome [Maria José], mas é interrompida bruscamente por sua mãe e levada a abandonar os estudos para ajudá-la arduamente nos afazeres domésticos. Assim, a garota cresce e se casa, tem filhos, envelhece e, como sua mãe, torna-se uma pessoa irascível e embrutecida.

Em ato contínuo, a película vai discorrendo sobre a vida de uma criança que morre simbolicamente e se transforma em uma pequena adulta; depois, em uma adolescente esquálida que não suporta o peso do labor; por fim, em uma jovem que, depois de tanta repetição, consegue equilibrar a lata d’água na cabeça com certa graça e desenvoltura. Tanto assim, que o jovem Antonio, amigo do seu pai, acerca-se dela e lhe oferece ajuda.

Essa cena impressiona porque, depois que sua mãe a afasta do prazer de escrever, esse é o único instante em que Maria José mostra semblante alegre. Todavia, aqui se agrega mais

³ Disponível em <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/vestibular2014/?author=2>. Acessado em 24 nov. 2013.

uma tarefa às demais da sua vida: a de gerar vários filhos; ao envelhecer, acerca-se de Maria José o mesmo semblante embrutecido que a sua mãe apresentara ao afastá-la do fascínio que só a aprendizagem é capaz de proporcionar.

Tem-se que, por um lado, o filme “Vida Maria” nos remete aos primórdios, quando as crianças eram tratadas com invisibilidade ou como pequenos adultos; por outro, configura-se contemporâneo porque impossível assisti-lo sem associá-lo às milhares de crianças espalhadas por este Brasil afora que, mesmo sob a chancela da prioridade absoluta, têm negados seus direitos básicos tanto por parte da família quanto da sociedade e do Estado.

Além disso, Vida Maria também serve para nos mostrar quão prejudicial é a naturalização da vida, situação percebida quando Maria José, ao envelhecer, comporta-se exatamente como sua mãe e o seu rosto também mostra o semblante de uma pessoa embrutecida pelas adversidades da vida. Nesse contexto, o filme nos remete à triste conjectura da morte social das *marias* [e *clarices* – e de todas as crianças nordestinas, ou não, que seguem “vivendo”, desprovidas do mínimo de dignidade].

O espectador atento ao entusiasmo inicial da criança ao escrever as vogais e seu prenome – aliás, único ânimo do personagem, bem como a desesperança, o cansaço e o esmorecimento do corpo, pela tristeza impregnada no olhar; angústia aquebrantada com a interpelação do jovem Antônio – pessoa que lhe demonstrara preocupação e cuidado. Contudo, a partir daí, o peso da lata é substituído pelas inúmeras gravidezes; então, dá-se início outro ciclo. Agora, é a vez de Maria José interpelar com brusquidão a filha, Lurdes, que escrevia na janela, tolhendo-lhe a capacidade de fantasiar – própria da idade pueril, e lhe ordena que trabalhe como se fosse adulta, ao tempo em que diz para consigo mesma, com certa amargura: “fica aí fazendo nada”, “desenhando nome”.

Portanto, o filme pode ser recomendado para estudantes de Filosofia porque aborda uma questão que pode levá-los à reflexão de que o amor à sabedoria deve ser estimulado ainda em idade precoce, para não se incorrer no pecado de extinguir os filósofos da face da terra. Fato comprovado na última cena em que o vento sobre o caderno na janela mostra um número significativo de *Marias* vítimas e algozes que não ultrapassaram a primeira página e, assim, perderam o bonde filosófico que é a arte de se maravilhar diante da vida.

Essa cena nos remete ao Mito da Caverna de Platão, cuja história narra a vida de alguns homens que nasceram e cresceram dentro de uma caverna e ficavam voltados para o fundo dela. Ali contemplavam uma réstia de luz que refletia sombras no fundo da parede.

Certo dia, um deles resolveu sair da caverna e quase ficou cego devido à claridade; aos poucos foi se acostumando e vislumbrou um mundo com natureza, cores e imagens diferentes do seu cotidiano. Então, resolveu voltar à caverna para relatar o que tinha visto. Seus amigos não lhe deram crédito e, revoltados com o que acreditavam ser mentira, mataram-no.

Portanto, é perfeitamente possível relacionar o mito da caverna à história e ao território das *marias*, cuja naturalização do trabalho infantil, aliada à falta de escolaridade, denuncia a alienação (comum nos habitantes da caverna) e o desrespeito aos propalados direitos humanos.

Por outro lado, ironicamente, a presença do sol escaldante e a ausência de chuva e de escola parecem haurir ainda mais aquelas vidas desesperançadas. Pois, segundo Platão,

[..] os seres humanos tem uma visão distorcida da realidade. No mito, os prisioneiros somos nós [**as marias**] que enxergamos e acreditamos apenas em imagens criadas pela cultura, conceitos e informações que recebemos durante a vida. A caverna simboliza o mundo, pois nos apresenta imagens que não representam a realidade. Só é possível conhecer a realidade, quando nos libertamos [...], ou seja, quando saímos da caverna⁴ (Grifo e acréscimo meu).

Por fim, a repetição, tônica que impera na história e dá nome ao filme, leva à reflexão acerca das cavernas sutis, e por isso mesmo perversas, em que nos envolvemos e julgamos verdades absolutas.

O autor Márcio Ramos conseguiu fazer do filme “Vida Maria” uma obra prima que traz à tona a problemática do trabalho infantil e da falta de escolarização que nalgumas vezes ocorrem nos rincões do país e noutras abaixo dos nossos narizes e, por conseguinte, merece ser discutida e refletida, não apenas por nordestinos, mas por todos os brasileiros e pessoas do mundo inteiro para que, juntos, possamos empreender esforços para evitar a morte social das nossas crianças.

⁴Disponível em http://www.suapesquisa.com/platao/mito_da_caverna.htm. Acessado em 14 nov. 2013.